

MBA do IAG PUC-Rio.

FINANÇAS RH PROJETOS MARKETING INVESTIMENTOS MANAGEMENT

Inscrições Abertas www.iag.puc-rio.br | (21) 2138-9240



# MÍRIAM LEITÃO



oglobo.com.br/economia/miriam

## Olhos em Durban

• O grande tema da definição do futuro no planeta está de novo encontrando os mesmos impasses. A Conferência das Partes da Convenção do Clima de Durban, a COP-17, terá sucesso se desenhar alguma ponte para o futuro. O protocolo de Kioto está no fim, e uma convenção mais ampla não está garantida. A Rio+20 depende do que acontece nesta semana em Durban.

A primeira semana foi dos debates técnicos, a segunda será das decisões políticas. Ou não. Tudo parece extremamente difícil. No primeiro dia, a secretária-executiva da Convenção do Clima, Cristiana Figueres, invocou palavras do mito Nelson Mandela para reforçar o argumento de que impossíveis acontecem. Mas há pouca expectativa. O mundo voltou a ficar preso nas mesmas armadilhas.

O Brasil, os outros países emergentes, os países mais pobres da África ficam pé numa meta que, se atingida, pouco significará: a renovação do Protocolo de Kioto. Ele termina no final do ano que vem. Parece lógico que o caminho é lutar por mais um período de compromissos. Só que Kioto representa uma fração cada vez menor das emissões dos gases de efeito estufa.

A crise econômica e o fato de que os maiores poluidores estão fora do protocolo fazem de Kioto um documento de valor apenas simbólico. Como é o único que existe, não querem que ele acabe antes que haja alguma outra coisa para pôr no lugar. Nele, estão os países europeus, Japão, Canadá, Rússia, Nova Zelândia e Austrália. Já falaram em sair Japão, Canadá e Rússia. Os países europeus continuam fazendo seu esforço para atingir a meta — emitir em 2020 um volume 20% menor do que o que emitiam em 1990 — mas, com a crise, as emissões cairão mais pela falta de atividade econômica do que pela reconversão da economia.

Hoje, os países do Protocolo de Kioto e os Estados Unidos juntos emitem 20 gigatoneladas de carbono equivalente. Os outros países somados emitem 30 gigatoneladas, mas em alguns desses o volume dos gases cresce mais. Os Estados Unidos não estão e nunca estarão em Kioto, mas se cumprirem as metas que anunciaram em Copenhague podem estabelecer suas emissões. A China fez em Copenhague uma proposta cujos parâmetros ela inventou: reduzir em 50% a intensidade da emissão por unidade do PIB. Ela continuará aumentando fortemente a poluição ainda que num ritmo menor. Agora, em Durban, deu os primeiros sinais de que aceitará metas na forma como elas são calculadas no mundo todo.

Não há chance de se chegar ao objetivo de conter o aquecimento global sem que China, Índia, Brasil, Indonésia, México e Estados Unidos se comprometam com um acordo global. Com esses grandes poluidores de fora, com os desfalques no Protocolo de Kioto, não se chegará a lugar algum.

Países como o Brasil, Chi-

na, Índia e outros menos desenvolvidos ficam o pé em “responsabilidades comuns porém diferenciadas”, que é uma forma de diminuir as responsabilidades que têm por terem entrado no clube dos grandes poluentes. Dizem que esse princípio do acordo é imutável. O Brasil também coloca como centro das suas ambições a renovação do Protocolo de Kioto. Esse objetivo é mediocre. O Brasil pode e deve liderar uma visão renovada do problema.

Kioto fez seu papel e já se esgotou. Hoje, olhando-se as estatísticas é impossível não dar razão ao negociador da União Europeia. Os países signatários representam menos de 30% das emissões dos gases de efeito estufa e vão ser uma fatia cada vez menor. Os Estados Unidos não ratificaram o acordo, os grandes emissores emergentes não entraram nele, a crise econômica está no coração da Europa, que assinou o texto e tem feito um inegável esforço para uma economia de baixo carbono.

As negociações na ONU correm em dois trilhos: um tenta negociar um acordo global do clima e o outro tenta renovar os compromissos de Kioto. Os de fora do protocolo dizem que ele não pode acabar, os de dentro dizem que ele é injusto e limitado; todos falam de um acordo mais amplo. Mas ele não vira realidade.

Enquanto toda essa discussão revisita os mesmos pontos de estrangulamento e repete o mesmo enredo, os riscos do planeta aumentam. O objetivo de conter o aquecimento global em dois graus centígrados parece cada vez mais insuficiente, porque os cientistas falam há tempos em quatro graus ou mais de aquecimento determinados pelas emissões já ocorridas. Mesmo insuficiente, essa meta está distante do que se pode conseguir com os magros avanços das 17 conferências e esforços que o mundo fez desde a Rio 92, que reuniu a Cúpula da Terra. A Rio+20 poderia ser um grande evento. Dificilmente será. Mas se Durban fracassar será apenas uma reunião inútil. Durban tem que nos próximos dias desenhar um esboço que leve o mundo a 2015 e depois a 2020 com um acordo realmente global e com poder de lei. O Brasil pode jogar um papel importante, se ousar mudar o velho discurso de que esse é um confronto de ricos e pobres. O Brasil não é pobre, a China está virando potência, a Índia emite cada vez mais, a Europa não pode ficar sozinha em Kioto. Não basta renovar o protocolo, todos os grandes emissores têm que ter metas.

COM ALVARO GRIBEL

e-mail: miriamleitao@oglobo.com.br

## TURBULÊNCIA GLOBAL

# Estar na Europa e fora da zona do euro nem sempre é sinônimo de sucesso

Países que não entraram no bloco têm resultados distintos e dividem opiniões

Deborah Berlinck

deborah.berlinck@oglobo.com.br

Correspondente

• PARIS. A zona do euro está rolando ladeira abaixo num ritmo que ninguém esperava. Mas quem se salva hoje na União Europeia (UE): as economias que ficaram de fora? Não necessariamente. E o contraste é grande. Se a Suécia, que rejeitou o euro num referendo em 2003, reina radiante em meio à tormenta, com expansão de 6,4% no primeiro trimestre, o Reino Unido afunda rumo à recessão.

E nem mesmo a sólida e rica Suíça — que nunca foi parte do bloco europeu ou sonhou em adotar o euro — escapa: com o franco suíço transformado em moeda de refúgio para investidores em pânico, sua cotação disparou a ponto de seu banco central (BC) decidir intervir a partir de determinado ponto de valorização. O banco Crédit Suisse baixou sua previsão de crescimento para a Suíça de 2% para 0,5% em 2012.

Se o grande atrativo do euro — a estabilidade — não é mais válido, surgem duas perguntas: o euro vai sobreviver? Se sobreviver, é melhor estar dentro ou fora? O economista Francesco Saraceno, do Observatório Francês de Conjunturas Econômicas (OFCE), responde com ironia:

— Até 2008, a estabilidade atraía. Países lutavam para entrar na zona do euro. Isso valerá novamente quando a crise for superada, se o euro sobreviver.

### Reino Unido é o pior exemplo fora do euro

Entre os que estão de fora da zona do euro — e afundam — o Reino Unido é o pior exemplo. O país, que nunca gostou do euro e da ideia de Bruxelas (sede da UE) ditar as regras, assiste com pavor à turbulência no continente. O fato de ter um banco central independente para desvalorizar a libra não ajudou: abalado com a crise financeira de 2008, o país não consegue sair da crise.

O Reino Unido vai crescer em 2011 bem menos do que previsto — 0,9% em vez de 1,7%. O governo queria reduzir sua dívida para o equivalente a 71% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015: agora admite que só chegará a 78%. O plano de austeridade do país é draconiano e os jurados batem recorde.

— Se o resto da Europa entrar em recessão, vai ser difícil evitar uma no Reino Unido — admitiu o ministro de Finanças, George Osborne, às vésperas da maior greve geral de funcionários públicos



Bernadett Szabo/Reuters

MULHER PEDE esmolas em Budapeste: afetada pela crise, Hungria recorreu ao FMI para receber ajuda

Editoria de Arte

## A situação de alguns países

Projeção da OCDE para o desempenho do PIB das seguintes nações em 2011



em 30 anos, na quarta-feira.

Para Saraceno, o caso britânico prova que o problema não está no euro ou nas economias europeias da zona do euro: está no fato de os 17 países da zona do euro não terem governo.

— Temos uma economia unificada na zona do euro sem política fiscal integrada e um banco central (o Banco Central Europeu, BCE) incapaz de fazer o que bancos centrais devem fazer: ser credor de último recurso.

Já a Dinamarca, que assume a presidência rotativa da UE em janeiro, não sabe o que fazer. A coroa dinamarquesa tem pari-

dade com o euro. O governo quer adotar a moeda única, por temer isolamento e perda de influência, se continuar fora. A última sondagem, porém, revelou o maior sentimento contra o euro desde 2002: 65% da população rejeitam a moeda europeia, que já foi rechaçada em dois referendos, em 1992 e 2000.

A Dinamarca crescerá menos este ano por causa da crise: de 1,3% para 1,1%. A agência de classificação de risco Moody's alertou para problemas potenciais nos bancos. Mas comparado à maioria dos países da Europa em crise, a Dinamarca

vai bem. Como disse Helge Pedersen, do Nordear Bank, ao jornal “Jyllands Posten”:

“Até agora, temos nos beneficiado de um euro fraco: nossos produtos ficaram mais competitivos.”

### Hungria e Bulgária às voltas com FMI. Polônia cresce

Não é o caso da Hungria, que, de estrela econômica dos anos 90, desponta como outro caso dramático. O governo de centro-direita do primeiro-ministro Viktor Orban anunciou que estuda bater na porta do Fundo Monetário Internacional (FMI) para pedir ajuda, um ano depois de rejeitar a instituição.

A Hungria foi castigada pela crise financeira global de 2008, quando recebeu € 20 bilhões do FMI e da UE, mas saiu do acordo em 2010, brigada com o FMI. A moeda húngara, o florin, perdeu 13% de seu valor em relação ao euro em 2011 e muitos húngaros estão endividados em moeda estrangeira. A dívida do país chega a quase 80% do PIB, as taxas de risco não param de subir. A Moody's acaba de reduzir os ratings dos títulos soberanos do país para “junk” (lixo), e outras duas agências estudam fazer o mesmo.

A Bulgária — outro país da UE fora da zona do euro — receberá uma missão do FMI esta semana. O desemprego no país está em 10,2% e o crescimento para este ano foi revisado para baixo: de 3% para 2,5%. A Polônia, maior economia do Leste da Europa, quer entrar na zona do euro, assim como os húngaros e os búlgaros. A Polónia cresceu a um ritmo alto este ano (4%) mas o governo prevê 2,5% para 2012. ■

# Saída desordenada seria catastrófica

Abandono do euro sem plano resultaria em recessão e crédito travado

Vinicius Neder

vinicius.neder@oglobo.com.br

Bruno Villas Bôas

bruno.villas@oglobo.com.br

• Com a crise das dívidas soberanas cada vez mais grave, analistas começaram na semana passada a considerar cenários para a saída de países do euro. Por tratar-se de um projeto político, além de econômico e comercial, a derrocada do euro não é vista como provável por especialistas, mas a retirada de um ou mais países não é impossível. Se feita de forma desordenada, a exclusão poderia ser catastrófica para a Europa e o mundo, com quebra de bancos, travamento do crédito internacional como em 2008, a própria implosão da união monetária e, por fim, a depressão econômica.

Na segunda-feira, a Icap, uma das maiores corretoras do mercado internacional de títulos soberanos e reservas internacionais, testou sua plataforma com uma hipotética reintrodução da dracma grega. Segundo a agência Reuters, bancos e empresas também estão se preparando

para o pior. A revista britânica “The Economist” afirmou na edição do fim de semana passado que o euro poderia entrar em colapso “em semanas”.

O gatilho mais provável para a saída de algum país da zona do euro seria um calote da dívida. A escalada nas taxas de rendimento dos títulos soberanos, verificada no fim do mês passado, pode levar a essa situação para países como Itália, Espanha e Portugal — além da Grécia. Na última sexta-feira, os títulos soberanos de dez anos da Itália eram negociados com taxa de 6,64% ao ano, alta de 41% frente ao início do ano. Os da Espanha, também de dez anos, eram negociados a 5,62%, avanço de 4,2%.

A quebra de um banco grande ou uma sequência de falências também poderia ter tal efeito. Por isso, a ação coordenada pelos principais bancos centrais do mundo anunciada na quarta-feira significou um alívio, ao oferecer liquidez ao sistema bancário.

O professor e pesquisador Renato Flores, da Escola de Pós-graduação em Economia da FGV-

RJ, defende a saída organizada de alguns países, com a reestruturação de bancos:

— A Europa não conseguirá sair da crise sem quebrar certo número de bancos e sem um programa de reestruturação, nos moldes do nosso Proer.

Segundo Flores, isso poderia ser feito com um plano que desenvolvesse os países mais frágeis ao status das dez nações que estão na União Europeia (UE), mas não no euro (como Reino Unido, Dinamarca e Noruega).

### Cenário extremo atingiria Brasil e outros emergentes

A saída desordenada ou unilateral de um dos membros da zona do euro é considerada improvável e não está nem no pior cenário do banco BNP Paribas para 2012. Nele, a falta de coordenação política provocaria queda de 1,5% no PIB (Produto Interno Bruto, conjunto de bens e serviços produzidos) da zona do euro no ano que vem, uma recessão “forte e duradoura”.

— Isso afetaria bancos europeus e causaria quebra no oferta de crédito, afetando o

comércio global e atingindo os emergentes, inclusive o Brasil — diz Marcelo Carvalho, economista-chefe do banco para a América Latina.

De acordo com o professor Fernando Ferrari Filho, do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o custo de uma ruptura com o euro seria muito alto para o país excluído, incluindo “grande desvalorização cambial, com pressões inflacionárias e sobre a atividade econômica”.

Para a economia internacional, os impactos também seriam enormes. Flores, da FGV-RJ, destaca quebra de bancos e travamento de crédito, em escala no mínimo igual à de 2008.

Pelo viés político, na visão do professor Franklin Trein, coordenador do Centro de Estudos Europeus da UFRJ, até mesmo a saída da Itália não inviabilizaria o euro, que se manteria “nem que fosse como a moeda de França e Alemanha”.

— Mas os outros países não deixariam isso ocorrer, pois o euro e a UE são os dois lados de uma mesma moeda. ■